

■ Introdução

À procura de respostas objetivas

“Podemos não ser responsáveis pelo que fizeram de nós, mas somos responsáveis pelo que fazemos com aquilo que fizeram de nós”.

— Sartre

No dia 04 de outubro de 1957, a Humanidade foi surpreendida com a notícia de que os soviéticos haviam conseguido colocar em órbita um pequeno objeto metálico, o Sputnik, nosso primeiro satélite artificial. Naquele mesmo ano, há milhares de milhas de distância de Baikonur, o complexo espacial mais importante da antiga URSS, a aproximadamente 2.100 km a sudeste de Moscou, acontecia outro episódio muito especial, pelo menos para este autor: o seu nascimento na cidade do Rio de Janeiro. Eu chegava à Terra e o homem dava seus primeiros passos em direção às estrelas. Minhas lembranças mais antigas da infância estão ligadas ao meu interesse por Astronomia e pela possibilidade de vida extraterrestre. Como a literatura era muito incipiente e rara, minha mente viajava através da imaginação, buscando respostas para diversas indagações. Às vezes, com sorte, pegava uma carona com os personagens dos filmes de ficção para chegar há milhares de anos-luz da Terra, onde ninguém jamais esteve.

Aos 15 anos de idade construí meu primeiro telescópio. Nesta época eu devorava, literalmente, todos os livros que encontrava nas bibliotecas e livrarias. À noite observava o céu através de telescópios. Nascia neste período também meu interesse pela Antropologia. Curiosamente, nesta

ocasião, apesar de não ter dúvidas sobre a possibilidade de vida em outros mundos, passei por um estágio de profundo ceticismo em relação à realidade do Fenômeno UFO. De uma maneira inconsciente, havia absorvido as idéias de alguns astrônomos, com os quais mantinha contato direto. Meu programa principal nos finais de semana eram as sessões do planetário da cidade do Rio de Janeiro. Cheguei a iniciar um curso no local, mas não tive muita sorte, vindo a abandoná-lo quando percebi que o responsável por ele não conseguia responder os questionamentos de outros alunos, cujas respostas eu já conhecia.

Em 1973, travei contato pela primeira vez com os livros *Eram os Deuses Astronautas?* e *De Volta às Estrelas*, do suíço Erich von Däniken, autor de grande prestígio no meio ufológico e um dos mais criticados por defender a idéia dos deuses astronautas. É curioso como seus detratores distorcem, ainda hoje, a maioria de suas colocações e questionamentos, para depois exercerem o direito evidentemente legítimo de crítica. Este tipo de conduta de opositores acaba por revelar que muitas de suas idéias não são tão facilmente descartáveis e merecem um pouco mais de respeito por parte daqueles que fazem a ciência do nosso tempo. O impacto causado pela idéia de que os deuses de nosso passado eram extraterrestres – e que de alguma forma estavam relacionados ao aparecimento de nossa espécie – foi grande e passei a mergulhar na área do realismo fantástico, acompanhando o trabalho de outros pesquisadores e encontrando fortes evidências sobre a presença extraterrena.

Paralelamente, com o transcorrer dos anos, fui tendo claros indícios de que o Fenômeno UFO, na atualidade, merecia nossa atenção. Então comecei a investigar seriamente a presença extraterrestre no passado e presente, com a intuição de que, de alguma maneira, os fatos atuais estavam ligados ao passado e que as recentes aparições poderiam ter relação com nossas origens. O método científico certamente é, até que se prove o contrário, a única maneira de nossos conhecimentos avançarem. Todavia, muitas vezes alguns homens se esquecem que existirá uma ciência no século 22 ou 23 e que muitos dos conceitos ou limitações da tecnologia e ciência terrestre atual – que impedem alguns de aceitarem a possibilidade das viagens interestelares e a realidade da presença dos UFOs – parecerão sem importância para os filhos de nossos netos, da mesma forma que uma viagem à Lua não passava de um sonho no século 19.

O antropocentrismo, na verdade, ainda está bem vivo dentro do meio acadêmico. Não é difícil perceber o quanto pode ser inaceitável para alguns homens de ciência, a partir de seus egos, acolher a idéia de não terem sido os escolhidos para manterem os primeiros contatos com civilizações alienígenas, através de seus observatórios e radiotelescópios. Por outro lado, existem nomes como Einstein, que sabia da existência dos discos voadores, o astrônomo Clyde Tombaugh, descobridor do planeta Plutão e que observou diversos UFsOs, o astrofísico J. A. Hynek, que durante mais de 20 anos foi consultor da Força Aérea Norte-Americana (USAF) e que acabou denunciando que o governo escondia a verdade da população, o físico J. J. Kalizkewski, da Marinha dos Estados Unidos, que observou junto de outros pesquisadores dois objetos não identificados em forma de charuto, e tantos cientistas para os quais não existe incompatibilidade entre a Ciência e a realidade do Fenômeno UFO.

A evidência da presença extraterrestre não deve ser negada simplesmente por não entendermos completamente como os abismos interestelares podem ser vencidos. Já demos muitos saltos na compreensão das leis que regem o nosso Universo, da Física de Newton à Teoria da Relatividade de Einstein, chegando à Mecânica Quântica. No entanto, parece evidente que ainda estamos no limiar de novas descobertas. Alguns teóricos defendem a idéia da existência dos chamados “buracos de minhoca” [Wormholes], que surgiram como solução das equações da relatividade geral – uma espécie de distorção do espaço-tempo, que ligaria dois pontos distintos do Universo. Este conceito foi materializado no filme Contato, de Steven Spielberg, baseado no romance futurista de Carl Sagan¹, permitindo uma jornada ao centro da nossa galáxia numa fração de segundo, em tempo transcorrido na Terra.

¹ **Carl Sagan** (1934-1996) é considerado o maior divulgador da Ciência contemporânea. Com sua formação multidisciplinar e grande talento para a expressão escrita, Sagan legou-nos um formidável acervo de obras, dentre as quais Cosmos, que foi transformada numa premiada série de televisão, acompanhada por meio bilhão de pessoas em todo o mundo, além de Os Dragões do Éden, O Romance da Ciência, Pálido Ponto Azul e O Mundo Assombrado pelos Demônios. Também escreveu o romance Contato, que foi levado às telas do cinema em 1997. Este filme conta a história da obstinada cientista Ellie, interpretada por Jodie Foster, que tenta a todo o custo ouvir as estrelas e acaba captando sinais de um planeta orbitando a estrela Vega. Por fim, a última obra, Bilhões e Bilhões, foi publicada pela esposa e colaboradora de Sagan, Ann Druyan.

Já o cientista norte-americano H. D. Froning apresentou, anos atrás, num congresso sobre Engenharia Espacial, o modelo teórico de uma nave que se movimentaria no chamado hiperespaço, capaz de chegar às estrelas em questão de segundos, da mesma maneira que nossa ficção científica já antecipa tal feito. Talvez os UFOs tenham tecnologia para criar seus próprios buracos de minhoca e mergulhar no hiperespaço, vencendo anos-luz em questão de segundos.

Ao escrever estas primeiras linhas, mais de 20 anos depois de publicar meu primeiro trabalho sobre discos voadores e a origem extraterrestre da Humanidade, percebo o quanto avançamos. Hoje, uma parcela expressiva dos homens já aceita a realidade do fenômeno e a existência de vida fora da Terra. Devemos isto não só aos pioneiros da Úfologia no mundo e aos que se seguiram, mas também a alguns nomes de nossa Ciência, como o citado Carl Sagan, que apesar de seus questionamentos sobre a realidade da presença extraterrena em nosso planeta foi, indiscutivelmente, a pessoa que mais divulgou, em termos globais, a idéia de que a vida é parte integrante de nosso Universo. Não há nada mais importante para o futuro da Humanidade do que a busca de sua verdadeira posição no Cosmos. Estamos percebendo, cada vez mais, o quanto insignificantes somos, mas ao mesmo tempo o quanto preciosos podemos chegar a ser. É hora de despertarmos para isso de maneira definitiva. Somos o próprio Universo, células de uma consciência maior e, portanto, responsáveis pela sua própria evolução. A Física Quântica nos mostra que existe um nível de inteligência em cada partícula do Universo e que todos somos parte de uma única estrutura.

Hoje começo a perceber o sentido de minha vida e de vários acontecimentos que vivenciei ao longo desta jornada pessoal em busca da compreensão de nosso verdadeiro lugar no Universo. No decorrer dos anos, conheci pessoas muito especiais que também estiveram ou ainda estão envolvidas – sem perceberem claramente os motivos – neste processo de busca pelas razões maiores por trás de nossa existência. Também estive em muitas ocasiões no lugar certo, na hora adequada, inicialmente como investigador, depois como protagonista de alguns fenômenos e mais recentemente para ajudar na divulgação de episódios marcantes da Úfologia Brasileira. Este livro é o resultado de minhas buscas nos últimos anos e das oportunidades que me foram oferecidas para encontrar pessoas que tinham algo importante para divulgar. Vamos

explorar juntos a grandeza do Universo, a pluralidade dos mundos habitados, a presença extraterrestre no passado e no presente e no último capítulo viver o contato final, o dia do reencontro...

— **Marco Antonio Petit,**
Rio de Janeiro (RJ),
Dezembro 2002.

Endereço do autor:
Caixa Postal 89.130,
Conservatória (RJ),
27655-970.

PARTE I

Ufologia: seus fatos, razões e conseqüências

■ Capítulo 01

O Universo ao nosso redor

*“Jamais confunda conhecimento com sabedoria.
Um ajuda a ganhar a vida e, o outro, a construir uma”.*

— Sandra Carey

Há milhares de anos, quando o homem primitivo ousou sair do seu abrigo, que lhe dava proteção contra as feras, para observar maravilhado e com temor o céu noturno, buscando entender suas ligações com a criação, teve início a nossa aventura rumo às estrelas. Durante anos seus descendentes se acostumariam com aquele céu, onde, ao longo de um ano, podiam ser notadas pouco mais de seis milhões de estrelas. Com exceção do movimento da Lua, com suas fases, de alguns meteoros que riscavam o céu e o avistamento mais raro de um cometa, o Universo do homem primitivo passava um certo grau de imobilismo e segurança. Como todos os astros, incluindo o Sol, nasciam a leste, e com o passar das horas acabavam por se pôr no extremo oposto, a oeste, os descendentes daquele primeiro astrônomo terminaram por concluir que o seu mundo era algo muito especial e viviam no centro do Universo.

Esta pode ter sido a primeira grande descoberta científica dos nossos ancestrais, ainda subestimada por muitos estudiosos mas valorizada por outros e materializada através do trabalho do astrônomo e geógrafo grego Cláudio Ptolomeu, cuja obra mais importante, Síntese Matemática, era composta de 13 publicações, nas quais apresentou e desenvolveu argumentos a favor da

Teoria Geocêntrica¹ do Universo. O domínio obtido progressivamente sobre os outros animais e o início do processo civilizatório não deixava dúvidas a respeito da grandeza humana. Mais do que estar vivendo no centro da criação, o homem da Terra era o próprio foco desta criação, para a qual tudo havia sido criado por algum deus. A Teoria Geocêntrica é um bom exemplo de como se pode chegar a uma conclusão totalmente equivocada, mesmo com uma observação atenta e persistente dos fenômenos. Durante séculos estas noções foram impostas. Ciência e religião se misturavam de uma maneira perigosa. Qualquer questionamento sobre o assunto tornava o herege um forte candidato a uma fogueira inquisitória.

Mas no final do século 15, um astrônomo polonês chamado Nicolau Copérnico surgiu com uma idéia alternativa. O Sol ocuparia a posição central da criação, em torno do qual a Terra, os cinco planetas conhecidos e o restante do firmamento girariam. Como a Santa Inquisição era algo bem vivo para o astrônomo, ele teve o cuidado de liberar seu livro para publicação só quando já estava em seu leito de morte, em 1543. Pouco tempo depois, Galileu montava a sua luneta e a Humanidade já podia olhar com outros olhos o Universo. Tomando como base, em parte, suas próprias observações astronômicas e levando em conta as idéias de Copérnico, Galileu demonstrou de maneira definitiva que era a Terra que girava em torno do Sol, da mesma forma que acontecia com os demais planetas conhecidos.

Apesar dos chefes da igreja terem tido a oportunidade, inclusive, de observar o firmamento através daquele “instrumento mágico”, constatando a existência de crateras na Lua, os satélites maiores de Júpiter e um vislumbre parcial dos anéis de Saturno, consta que os mesmos depois convidaram Galileu para conhecer os instrumentos de tortura usados para purificar

¹ **Cláudio Ptolomeu** nasceu no início do século 2 da era cristã, em Ptolemaida, Hérnia, localidade pertencente à Grécia antiga. Com base em certas observações astronômicas por ele anotadas, sabe-se que trabalhou em Alexandria, Egito, entre os anos 120 e 145 a. C. É considerado uma das personalidades mais célebres da época do imperador Marco Aurélio e autor de grandes obras sobre Astronomia, Matemática, Geometria, Física e Geografia. Segundo Ptolomeu, os planetas, o Sol e a Lua giravam em torno da Terra na seguinte ordem: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno. E para explicar essa teoria, deveras estranha para o nosso tempo, elaborou um sistema complicado, embora geometricamente plausível, através do qual os planetas estariam fixados sobre esferas concêntricas de cristal. Todas essas esferas girariam com velocidades diferentes, o que, segundo ele, explicava as diferentes velocidades médias com que se moviam os planetas.

aqueles que, movidos por influências demoníacas, ousavam duvidar da natureza especial do homem e de seu planeta. Esta visita aos calabouços da Inquisição parece ter sido bem esclarecedora, pois pouco depois Galileu fez sua famosa confissão de culpa, negando as verdades que havia defendido com tanta obstinação. Poucos anos antes, outro herege chamado Giordano Bruno havia sido condenado pela mesma igreja e queimado vivo por ousar declarar a existência de outros mundos habitados. Alguns anos atrás o papa João Paulo II resolveu oficialmente absolver Galileu de seus crimes. Cabe-nos questionar, entretanto, se o próprio Giordano Bruno e outros tantos perdoariam hoje a igreja por suas atitudes no passado.

Apesar das evidências em contrário, as idéias geocêntricas encontraram defensores dentro da Ciência até o século 19, quando foi finalmente descoberta a já prevista paralaxe anual estelar, ou seja, o movimento aparente de estrelas relativamente próximas da Terra, que se deslocam em relação às estrelas mais distantes, conforme a Terra se move em sua órbita em torno do Sol. Mas, por incrível que pareça, o antropocentrismo estava longe de ser derrotado. Para outros, o fato do nosso Sol ocupar a posição central podia ser encarado como um sinal de nossa posição privilegiada dentro das preocupações da divindade criadora. Uma das descobertas mais aterradoras, pelo menos para alguns, demonstrava que as demais estrelas não haviam sido criadas apenas para iluminar as noites dos admiradores do firmamento. Cada uma delas era um sol, alguns menores que o nosso, enquanto outros eram gigantescos se comparados ao astro que ocupa a posição central de nosso Sistema Solar.

O Universo ficava cada vez maior e, ao mesmo tempo, nossa posição na criação despencava de maneira irremediável. Além da descoberta de outros planetas em nosso Sistema Solar, o número de estrelas observadas não parava de crescer, paralelamente ao desenvolvimento de nossos telescópios. Das pouco mais de seis milhões de estrelas vistas a olho nu ao longo do ano, no início do século 20, através dos telescópios, podiam ser notadas outras bilhões. Havia sido detectadas também algumas nebulosas, que pareciam estar mais distantes do que as estrelas mais remotas, as chamadas nebulosas extragalácticas, cujas imagens lembravam até certo ponto as nebulosas galácticas, constituídas aparentemente de gases e poeira cósmica. Mas com a entrada na década de 20 de um novo telescópio no Observatório de Mount Wilson, nos Estados Unidos, descobriu-se que as chamadas nebulosas extra-

galácticas eram, na verdade, outras galáxias. Algumas delas com centenas de bilhões de estrelas. O Universo do início do século 20, a Via Láctea, era apenas uma entre as bilhões de galáxias existentes.

Outra descoberta fascinante foi feita em seguida pelo astrônomo norte-americano Edwin Powell Hubble, baseado no efeito Doppler-Fizeau, ou seja, quando uma fonte de luz se afasta de um observador, as raiais do espectro desta fonte luminosa se deslocam para a cor vermelha. Já quando, pelo contrário, ela está se aproximando do observador, as raiais se deslocam para a faixa violeta. Hubble percebeu que, quanto mais longe estavam as galáxias da Terra, mais marcante era este deslocamento para o vermelho. Todas as galáxias estavam aparentemente se afastando da Via Láctea. Alguns chegaram a sentir um alívio momentâneo, imaginando que, afinal, alguma coisa de especial havia restado para o homem. De alguma forma estávamos no centro da criação.

Na verdade, o astrônomo havia descoberto que as galáxias se afastam entre si com velocidades proporcionais às suas distâncias. Em qualquer galáxia que estivéssemos presenciarmos o mesmo efeito, ou seja, o Universo estava em processo de expansão, alargando suas fronteiras. Esta descoberta levou à constatação lógica de que num passado remoto todas aquelas galáxias haviam partido de um único ponto no Universo, dando origem à teoria da grande explosão, o Big Bang. Pela primeira vez na história de nossa civilização a Ciência estava mergulhando efetivamente no maior dos mistérios: a origem do Universo. Segundo estimativas atuais, por volta de 20 bilhões de anos atrás, toda a matéria e energia de nosso Universo estavam reunidas numa densidade inimaginável, uma singularidade, como gostam de chamar alguns teóricos. Em dado momento, todavia, este “ponto matemático” explodiu, dando origem a tudo que conhecemos.

Alguns tendem a descrever o Big Bang como um bloco de matéria explodindo num vazio infinito. Na realidade, o Big Bang não só teria criado a matéria, mas também o próprio espaço, ou seja, não havia nada fora, nem espaço para qualquer evento. Apesar de todas as tentativas em buscar outros modelos teóricos para o Universo, a verdade é que nenhuma outra teoria apresentada conseguiu dados observacionais para sustentá-las. Uma evidência direta da grande explosão foi obtida em 1964 por dois pesquisadores dos Laboratórios Bell, Arno Penzias e Robert Wilson, responsáveis pela descoberta da chamada “radiação de fundo”, que permeia o Universo



Alguns teóricos defendem a idéia da existência dos chamados “buracos de minhoca” [Wormholes], que surgiram como solução das equações da relatividade geral, uma espécie de distorção do espaço-tempo, que ligaria dois pontos distintos do Universo

em termos gerais – uma espécie de eco do Big Bang. Mas sua expansão continuará para sempre? Esta questão é, sem dúvida, fundamental dentro das buscas cosmológicas atuais. O ponto chave para responder este problema é a mensuração da massa total do Universo.

Há 50 anos estávamos longe de perceber matéria suficiente para gerar, por efeito gravitacional, um retrocesso no processo de expansão. O Universo conteria talvez 100 bilhões de galáxias. Mas a partir do telescópio espacial Hubble, os astrônomos estão detectando não só um número crescente de galáxias, mas sinais evidentes da chamada “matéria escura”, grandes nuvens de hidrogênio e poeira cósmica, que passavam despercebidas devido à falta de estrelas em suas proximidades. O espaço interestelar e mesmo intergaláctico está longe de ser um grande vazio cósmico, como imaginávamos há poucas décadas. Um dos pontos levantados contra a teoria da grande explosão foi a descoberta de galáxias sem o movimento de recessão. Mas não seria este um sinal apenas de que a gravidade já está vencendo a tendência expansionista em algumas regiões do Universo? Curiosamente, em 1998,

alguns astrônomos teriam detectado uma mudança em sua taxa de expansão. Segundo estes estudos, realizados a partir de supernovas distantes, o Universo estaria acelerando sua velocidade de expansão. Muitos, entretanto, ainda duvidam da validade desta suposta descoberta.

Com o passar de bilhões e bilhões de anos o Universo iniciará, provavelmente, um processo de retração, levando a matéria nele hoje existente a um derradeiro colapso gravitacional, propiciando uma nova singularidade, gerando, talvez, as condições necessárias para um novo Big Bang. Podemos estar diante de um universo cíclico, de dimensões variáveis em termos de tempo e espaço, muito próximo das idéias da cosmogonia hindu. O Universo do século 21 é constituído por centenas de bilhões de galáxias, onde o número de estrelas é infinitamente maior que os grãos de areia existentes em todas as praias de nosso pequeno planeta. Mas este Universo pode ser apenas uma espécie de partícula elementar de um átomo de um outro Cosmos, muito mais amplo. Se esta idéia for verdadeira, o que provavelmente nunca teremos a chance de descobrir, cada uma das partículas elementares que vibram dentro de nossos próprios corpos seriam também universos fechados, mas grandiosos, com o equivalente talvez das nossas galáxias, estrelas e, por que não dizer, mundos habitados, nos quais algumas criaturas especiais lançam seus olhos para as estrelas, em busca de suas origens. Nestes universos a eternidade pode ter o tempo de uma respiração humana. Talvez estejamos realmente diante de uma regressão infinita em direção ao macro e micro Cosmos.

Muitos cientistas consideram o Big Bang o início de tudo, o marco zero da criação. Mas não é difícil intuir que de uma maneira ou de outra este tipo de posicionamento pode ser o último e mais recente exemplo da arrogância e pretensão humana. No início de nossa jornada em busca do nosso lugar no Cosmos, pensávamos que a Terra era algo especial e estávamos no centro do Universo. Agora julgamos que o nosso Universo é algo singular. Este posicionamento faz parte de uma etapa de nosso processo de aquisição de conhecimentos, mas não tenho dúvida de que o tempo mais uma vez se encarregará de mostrar uma realidade sempre maior...